

24h*

O PROCESSO DE TOMBAMENTO DA LAGOA DO ABAETÉ TEM 38 ANOS DE ATRASO: FOI INICIADO EM 1985

FOTOS DE PAULA FROES

Xirê na lagoa

Aos 12 anos, Damiana do Pandeiro começou a lavar roupa com as mais velhas na lagoa do Abaeté. Foi com o ofício de lavadeira que ela casou, criou os filhos e fez também muito samba de bacia na beira da lagoa. “Inventamos de pegar a bacia e fazer samba depois de lavar roupa, criando essa tradição. Hoje a gente vê a lagoa morrendo, mas não foi o sabão que poluiu o Abaeté, foi o esgoto. Estamos aí buscando juntos para ver o que mãe Oxum faz. O Abaeté não pode ficar assim”, diz Damiana.

Mestra Damiana do Pandeiro, 72, é uma figura icônica do Abaeté. Mesmo lugar onde o Grupo de Trabalho (GT) de Patrimonialização reivindica o tombamento do Abaeté – não só da lagoa, mas de todo o ecossistema que integra o parque. Desde sexta-feira (1), acontece o Seminário Xirês Patrimoniais, que busca chamar a atenção da comunidade para esse movimento. Durante os três dias de programação, aconteceram, além de roda de falas e apresentação de grupos culturais, vivências e ocupação de espaços do parque.

Na manhã deste domingo (3), uma trilha ecológica com banho na Lagoa de Deus, no Parque do Abaeté, foi mais uma tentativa de levar o olhar do público para o patrimônio ecológico daquela área de restinga.

“Queremos mostrar que o Abaeté é todo um sistema ecológico. É aqui que está o último resquício de restinga de Salvador que continua vivo, mesmo estrangulado pelo sistema urbano. A Lagoa de Deus é uma lagoa limpa como o Abaeté um dia já foi. É a mais preservada, mas também está ameaçada, sobretudo, pela ampliação do aeroporto de Salvador”, afirma a artista, educadora, antropóloga, curadora dos Xirês Patrimoniais, Clara Domingas.

Nativa de Itapuã, Clara também é representante do GT de Patrimonialização: “O pensamento urbanista tem que ser diferenciado para essa região. Impermeabilizar significa a desertificação do Abaeté. A gente está perdendo sem ter a noção disso. E a gente não perde só um ecossistema, mas também tradições sagradas e ancestrais”.

A trilha começou por volta das 9h. No caminho, muita vegetação nativa e a presen-

“ Queremos mostrar que o Abaeté é todo um sistema ecológico. É aqui que está o último resquício de restinga de Salvador que continua vivo”
Clara Domingas
antropóloga e curadora dos Xirês Patrimoniais

“ O tombamento é vida e resistência. A minha preservação, dos meus antepassados e dos que virão”
Verônica Macúna
sambadeira e integrante do Coletivo Nosso Quilombo



ça de espécies como canela-de-ema, cajueiro brabo, mangaba, cara-de-palhaço, orquídeas, bromélias. Teve gente que contou que o cajueiro brabo, uma planta que é tipo lixa, era usada pelos mais velhos para ‘ariar’ panelas. Ensinamentos foram compartilhados ainda sobre as plantas medicinais, entre elas, a guajiru, boa para diabetes.

“A narrativa de que a restinga é um deserto sem vida

é o que mais a gente precisa combater, mostrar a biodiversidade absolutamente rica desse ambiente que faz parte do domínio da Mata Atlântica, mas tem peculiaridades”, explica Clara.

Na Lagoa de Deus, dunas de areia branca, água dourada e muita vegetação por perto. O final do trajeto deu em samba e em banho de água doce, com saudação da Oxum e Nanã mais as cantorias das Matriarcas da Pedra

1 Banho na lagoa com direito a samba de bacia marcou caminhada pelo tombamento do Parque do Abaeté
2 Dona Damiana do Pandeiro foi uma das lideranças presentes

de Xangô e o Samba de bacia de Mestra Damiana.

“O objetivo dos Xirês Patrimoniais é o tombamento do Abaeté, mas para isso a gente precisa convocar principalmente a comunidade e a frente técnica e acadêmica para oficializar esse tombamento. Por isso que estamos aqui unindo forças”, diz a sambadeira de Itapuã e zeladora do Coletivo Nosso Quilombo, Verônica Mucúna. Ela destaca que a Lagoa do Abaeté é a grande mãe, mas que tudo ao seu redor precisa ser preservado: “O significado do tombamento é vida e resistência. A minha preservação, dos meus antepassados e dos que virão”.

Policia militar e psicóloga, Rair Valente já veio na Lagoa de Deus há uns 8 anos: “Fui da cavalaria da PM e trabalhava nessa região. Lembro do silêncio, desse prazer de trabalhar em um ambiente natural, em contato com um ecossistema preservado”.

“Minha relação com a Lagoa de Deus é de muito tempo, porque meu pai trabalhava no Catussaba e quando minha mãe ia levar o almoço dele, eu, ainda criança, vinha com ela fazendo esse caminho pelas dunas e depois a gente passava o dia todo aqui. Foi onde eu conheci também o sandboard quando ele estava no auge em Salvador”, recorda o esportista Rangel Souza.

A presidente da Fundação Nacional de Artes (Funarte), Maria Marighella, também aproveitou o banho de água doce na Lagoa de Deus: “O Abaeté é um desses achados de Salvador que deve ser preservado. Um sítio natural e histórico único e nós temos que proteger esse território. Essa ação aqui hoje é um convite a cidade para conhecer e partilhar. A gente precisa conhecer para proteger”.

O processo de Tombamento da Lagoa do Abaeté tem 38 anos de atraso. Ele foi iniciado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1985, porém, os autos foram oficialmente dados como perdidos pelo órgão em 2013. Reaberto só em 3 de agosto de 2020, existe uma decisão liminar de abril deste ano que ordena suspensão imediata de intervenções na área ou no perímetro que compõe a Lagoa do Abaeté e o Parque das Dunas.

Clara Domingas defende o tombamento provisório urgente: “O tombamento é uma tentativa de preservar essa coisa toda que está desaparecendo. Isso já é um fato. A Lagoa do Abaeté não vai sobreviver se não preservar o seu ecossistema”.

PRISCILA NATIVIDADE